

## A Rádio Jornal do Brasil no contexto do golpe civil-militar de 1964

*Rádio Jornal do Brasil in the context of the 1964 civil-military coup*

*Rádio Jornal do Brasil en el contexto del golpe cívico-militar de 1964*

Pedro Serico Vaz Filho

### Resumo

O presente artigo rememora fatos ocorridos no Brasil na ocasião do golpe civil-militar de 1964, que instaurou a ditadura militar no país, vigente até 1985. A delimitação apresenta o contexto da Rádio Jornal do Brasil, no Rio de Janeiro, que sofreu uma invasão em 31 de março de 1964, data da deflagração do mencionado golpe. Convém destacar que o episódio foi uma ação violenta causada por grupos legalistas de apoio ao então presidente João Goulart. No mesmo contexto, revelamos ataques sofridos por outras emissoras de radiodifusão por parte de sublevados do comando militar que ocupou o poder naquela ocasião. Dessa forma, este estudo enfatiza a força do rádio como meio temido e também valorizado por integrantes de domínio, ainda que em denominações políticas opostas.

**Palavras-chave:** Golpe civil-militar de 1964; Ditadura militar; Rádio Jornal do Brasil; Poder do rádio.

>> **Informações adicionais:** artigo submetido em: 05/08/2024 aceito em: 10/10/2024.

### >> Como citar este texto:

VAZ FILHO, Pedro Serico. A Rádio Jornal do Brasil no contexto do golpe civil-militar de 1964. **Radiofonias – Revista de Estudos em Mídia Sonora**, Mariana-MG, v. 15, n. 02, p. 61-74, mai./ago. 2024.

### Sobre o autor

Pedro Serico Vaz Filho  
[pedrovaz@uol.com.br](mailto:pedrovaz@uol.com.br)

Pós-doutor pela Universidade de São Paulo; Doutor em Comunicação Social pela Universidade Metodista de São Paulo; Mestre em Comunicação pela Faculdade Cásper Líbero; Pós-graduado em Teoria e Técnicas da Comunicação pela Faculdade Cásper Líbero; e Bacharel em Comunicação Social - habilitação em Jornalismo, pela FIAM (Faculdades Integradas Alcântara Machado). Atua na Fundação Cásper Líbero.

### **Abstract**

This article rescues facts that occurred in Brazil during the civil-military coup of 1964, which established the military dictatorship in the country, in force until 1985. The delimitation presents the context of Rádio Jornal do Brasil, in Rio de Janeiro, which suffered an invasion on March 31, 1964, the date of the aforementioned coup. It is worth highlighting that the invasion was a violent action caused by legalist groups supporting then president João Goulart. In the same context, we reveal the attacks suffered by other radio stations by members of the military command that occupied power at that time. In this way, this study emphasizes the strength of radio as a medium that is both feared and valued by members of the ruling parties, even though they were of opposing political persuasions.

**Keywords:** Civil-military coup of 1964; Military dictatorship; Rádio Jornal do Brasil; Power of radio.

### **Resumen**

Este artículo rescata hechos ocurridos en Brasil durante el golpe cívico-militar de 1964, que instauró la dictadura militar en el país, vigente hasta 1985. La delimitación presenta el contexto de Rádio Jornal do Brasil, en Rio de Janeiro, que sufrió una invasión en 31 de marzo de 1964, fecha del citado golpe de Estado. Cabe destacar que el episodio fue una acción violenta provocada por grupos legalistas que apoyaban el entonces presidente João Goulart. En el mismo contexto, revelamos los ataques sufridos por otras emisoras por parte de insurgentes del comando militar que detentaba el poder en ese momento. De este modo, este estudio enfatiza la fuerza de la radio como medio temido y al mismo tiempo valorado por los miembros del dominio, aunque en denominaciones políticas opuestas.

**Palabras clave:** Golpe cívico-militar de 1964; Dictadura militar; Rádio Jornal do Brasil; El poder de la radio.

## **Introdução**

Em 2024 registram-se os 60 anos do golpe civil-militar, que instaurou a ditadura militar no Brasil, a qual foi mantida até 1985. Independentemente da efeméride, é fundamental reconstituir o citado período pois “[...] ainda há reflexões importantes a fazer em relação àquele episódio, que até hoje não foi

superado pela sociedade brasileira”<sup>1</sup>. As repercussões da ascensão dos militares ao poder começaram com a cassação de direitos políticos dos derrotados. Na sequência, viriam a perseguição, a censura, a tortura; enfim, o amplo leque de alternativas repressoras dos regimes autoritários (Ferraretto, 2000).

A partir do contexto do golpe civil-militar de 1964, o direcionamento do presente artigo busca a reconstituição do período pela perspectiva radiofônica. Por esta abordagem, apresenta-se como amostragem a invasão armada à sede da Rádio Jornal do Brasil<sup>2</sup>, no Rio de Janeiro, em 31 de março de 1964 (uma terça-feira), data do princípio da sublevação golpista que alcançou o poder.

O episódio é retratado a partir de matéria publicada no Jornal do Brasil, em 1 de abril de 1964, meio impresso vinculado à citada estação radiofônica. Esta análise também compara ocorrências, na mesma dimensão violenta, contra outras estações de rádio, ocasionadas pela deflagração do citado golpe que, concomitantemente, teve o apoio de inúmeros meios de comunicação.

### **A invasão à JB**

Em 1 de abril de 1964, o Jornal do Brasil publica em primeira página a foto de um militar, na entrada da Rádio Jornal do Brasil, com a seguinte legenda: “Gorilas invadem a JB”. O primeiro impacto da manchete causa a ideia de que os sublevados seriam os responsáveis pela invasão à emissora, inclusive devido ao título da matéria: “Fuzileiros com metralhadoras invadem a JB e tiram a rádio do ar”.

Tal entendimento estaria acentuado pela atmosfera daquele momento de total instabilidade política no Brasil. No entanto, o texto da reportagem revela que os fuzileiros navais, que adentraram à estação, eram comandados pelo

---

<sup>1</sup> Disponível em: <https://conexao.ufri.br/2021/04/por-que-devemos-nos-lembrar-do-golpe-de-1964/>  
Consultado em: 15 ago. 2023.

<sup>2</sup> A Rádio Jornal do Brasil foi fundada no dia 10 de agosto de 1935, sob o prefixo PRF 4, posteriormente ZYJ453.

então almirante Cândido da Costa Aragão, oficial leal à presidência civil.

Pessoas mais atentas, e conhecedoras da linha editorial do grupo Jornal do Brasil e da política vigente, não cometeriam o engano de achar que a invasão à rádio seria de ordem da sublevação militar. A seguir, a reprodução do primeiro parágrafo da notícia de capa da citada edição:

Quem chegasse às 8h30 da noite de ontem ao edifício do Jornal do Brasil e da Rádio Jornal do Brasil não poderia entrar pois encontraria na porta, metralhadora em punho, um fuzileiro naval. E se olhasse pela parede de vidro dos estúdios da rádio teria a impressão de assistir a um filme de gangsters: quatro outros fuzileiros, comandados pelo Tenente Arinos, moviam-se como gorilas pelos estúdios, seus movimentos tolhidos pelas metralhadoras que ameaçavam microfones, painéis de instrumentos e os funcionários estupefatos com aquela irrupção de selvageria tecnológica em plena Avenida Rio Branco.<sup>3</sup>

O esclarecimento da notícia da invasão à emissora recebe destaque na página 4 do Jornal do Brasil, na mesma edição de 1 de abril, com detalhes sobre o fato. A matéria reproduzida descreve um interrogatório sofrido pelo superintendente da Rádio Jornal do Brasil, Bernard Campos, que apresentou depoimento ao então diretor do Conselho de Telecomunicações, Coronel Scaffa.

Após a apresentação do teor da redação do noticiário exibido na rádio, Bernard Campos recebeu do coronel voz de prisão, com a alegação de que a estação estava transmitindo, no radiojornal das 18h50, “notícias altamente subversivas”<sup>4</sup>. No caso, o noticiário revelava uma reunião secreta do então general Humberto de Alencar Castelo Branco. Este importante articulador da conspiração golpista, que tomou o poder e destituiu o presidente da República, na ocasião, João Belchior Marques Goulart, o Jango. No entanto, tal ordem foi relaxada pouco tempo depois. A mesma publicação informa que Bernard

---

<sup>3</sup> Disponível em: [http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=030015\\_08&pasta=ano%20196&pesq=R%C3%A1dio%20Jornal%20do%20Brasil&pagfis=51573](http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=030015_08&pasta=ano%20196&pesq=R%C3%A1dio%20Jornal%20do%20Brasil&pagfis=51573). Consultado em: 9 jul. 2023.

<sup>4</sup> Menção ao primeiro parágrafo da matéria publicada no Jornal do Brasil, edição de 1 de abril de 1964, página 4. Disponível em: [http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=030015\\_08&Pesq=R%C3%A1dio%20Jornal%20do%20Brasil&pagfis=51578](http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=030015_08&Pesq=R%C3%A1dio%20Jornal%20do%20Brasil&pagfis=51578). Consultado em: 15 jun. 2023.

questiona o comandante do corpo de fuzileiros navais, o almirante Cândido da Costa Aragão. É importante reiterar que o grupo comandado por Aragão era formado por tropas legalistas de apoio ao presidente João Goulart.

Com a exposição desse acontecimento violento, ressaltamos novamente a importância do rádio naquele intenso conflito político, em meio a tantas inseguranças e instabilidades. No caso, com registros que revelavam a ação de membros que integravam o grupo legalista do então presidente João Goulart. No lado oposto, estava a sublevação militar também, estrategicamente avaliando o poder da radiodifusão naquele momento e agindo igualmente com veemência para censurar programações de rádio ou mesmo fechar emissoras resistentes àquele sistema político.

### **Ataques a outras estações de rádio**

No dia 2 de abril de 1964 (quinta-feira), o Jornal do Brasil prossegue com informações sobre outros acontecimentos em emissoras de rádio do Rio de Janeiro. Na primeira página da edição é publicada a informação sobre o fechamento das rádios Nacional e Mayrink Veiga. Na sequência, a repercussão da invasão à Rádio Jornal do Brasil e a notícia do empastelamento do jornal Última Hora, que era contrário ao golpe. Este último periódico publica, em 2 de abril de 1964, na primeira página, fotos da depredação e do incêndio causado nas redações do veículo no Rio de Janeiro e em Recife. A seguir, a reprodução da notícia dos ataques publicada no Jornal do Brasil na mencionada data:

Às 16 horas as rádios Nacional e Mayrink Veiga, que formavam uma cadeia da legalidade, irradiando notícias de interesse do governo saíram do ar. A Rádio Jornal do Brasil esteve fora do ar durante 40 minutos, por violência de fuzileiros navais, que obedeceram a ordens do Ministro da Marinha, segundo eles próprios disseram. A Rádio JB teve que optar entre integrar a rede governista e permanecer sem noticiários, tendo preferido esta última alternativa. Este jornal foi invadido ontem, pela segunda vez em 8 horas por fuzileiros. [...] O jornal Última Hora, foi atacado: quebraram máquinas de escrever, cadeiras e arquivos, e puseram fogo em caminhonetas. Fatos idênticos repetiram-se na sede da UNE, onde coquetéis Molotov provocaram incêndio, logo debelado pelos bombeiros.<sup>5</sup>

A partir dos relatos e citações anteriores, cabem na sequência a caracterização e os conceitos políticos da Rádio Jornal do Brasil, naquele ano de 1964, assim como do Jornal do Brasil, meios vinculados que seguem a mesma linha editorial. Segundo a professora Ana Baumworcel, “[...] Dreifuss (1981) e Nascimento (2007) defendem que o Jornal do Brasil, por trás da fachada de órgão informativo, era usado como canal de divulgação para a campanha ideológica da elite orgânica e colaborou para que o golpe fosse aceito pelos leitores”.<sup>6</sup> A autora ainda apresenta um perfil apurado da postura editorial da mencionada estação radiofônica no artigo “A História de 1964 pelas Ondas da Rádio Jornal do Brasil-AM”.

Assim como o Jornal do Brasil, a rádio JB-AM adotou uma postura ideológica liberal conservadora em 1964. [...] a emissora construiu uma “retórica de adesão” ao golpe militar, contribuindo, inclusive, para a sua realização. Ao participar da Rede da Democracia<sup>7</sup>, fez campanha ideológica, “em clima de guerra” contra o governo do presidente João Goulart, identificando-o como “subversivo, comunista e golpista”. No início do governo, em 1961, assim como o JB, ocupou uma posição enunciativa de apoio à legalidade, se colocando no centro, “entre direitistas e esquerdistas”. Em 1963, muda de posição, se aproximando das forças políticas que queriam a deposição do presidente. No entanto, em alguns momentos, seu discurso é ambíguo. E, nessa ambiguidade, apresenta algumas vozes de oposição aos militares e os fatos que revelam, sutilmente, de forma implícita, uma postura antidemocrática da “revolução vitoriosa”. Mas uma posição enunciativa contrária à ditadura, a RJB-AM só adquire, paradoxalmente, depois da censura contínua à imprensa, instaurada com o Ato Institucional n. 5, em 1968. Como revelado, em outros estudos, pela autora deste trabalho, a emissora constrói uma “retórica de resistência”. Porém, seu discurso não é linear, unívoco, nem na retórica de adesão, nem na de resistência. Certa ambiguidade coexiste em suas múltiplas estratégias discursivas em diferentes momentos históricos. (Baumworcel, 2014, p.13)

Por esta linha, Baumworcel reafirma que a “[...] Rádio Jornal do Brasil AM

---

[http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=030015\\_08&pasta=ano%20196&pesq=R%C3%A1dio%20Jornal%20do%20Brasil&pagfis=51605](http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=030015_08&pasta=ano%20196&pesq=R%C3%A1dio%20Jornal%20do%20Brasil&pagfis=51605). Consultado em: 15 ago. 2023.

<sup>6</sup> Disponível em: <http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2014/resumos/R9-2155-1.pdf>. Consultado em 14 ago. 2023.

<sup>7</sup> Disponível em <https://app.uff.br/riuff/bitstream/handle/1/22099/eduardo%20todo.pdf?sequence=1&isAllowed=y> Consultado em 16 ago. 2023.

reproduzia a posição enunciativa do Jornal do Brasil [...]”, situação que nos faz recompor e entender a questão da formação de opinião daquele período. Dessa realidade, recorreremos a outras fontes que registram inúmeros meios de comunicação declaradamente apoiadores do golpe civil-militar de 1964.

Às vésperas de 1964, o presidente João Goulart, Jango, propunha reformas de base (como por exemplo, a agrária) com o aprofundamento do projeto nacional desenvolvimentista e incomodou a oligarquia. Os grupos jornalísticos começaram o bombardeamento, caracterizando as reformas nas matérias como antimodernas e populistas. No contexto da Guerra Fria, o comunismo era propagado no imaginário da sociedade brasileira como uma ameaça, sendo difundido dessa forma pelos principais jornais, assustando a população e gerando um clima favorável à instalação da ditadura no país. Jornais como Folha de São Paulo, Jornal do Brasil, O Estado de São Paulo, O Globo, Tribuna de Imprensa, Estado de Minas legitimaram a derrubada do presidente, incentivando e julgando e, por meio de editoriais diários, apoiando a instalação de uma ditadura militar e a deposição de João Goulart.<sup>8</sup>

Dos meios impressos já mencionados de apoio ao golpe civil-militar, destaca-se também o extinto jornal Correio da Manhã, do Rio de Janeiro, que circulou entre 1901 e 1974, considerado por muitos de oposição à ditadura, mas também famoso pelos seus editoriais Basta! Fora!, que, respectivamente, nas edições de 31 de março e 1 de abril de 1964, defendiam enfaticamente a saída de João Goulart da presidência às vésperas do golpe<sup>9</sup> (Chammas, 2012).

Dessas circunstâncias políticas de 1964, seguimos evidenciando tais acontecimentos que também estão registrados na obra intitulada “Rádio Palanque”, de Sonia Virginia Moreira, que menciona as repercussões daquela fase, contra a imprensa, sobretudo pelas estações de rádio:

No dia 1º de abril, destacamentos do Grupo de Fuzileiros Navais ocuparam o Jornal do Brasil, a Tribuna da Imprensa e O Globo. Pouco depois das 14 horas, as Rádios Mayrink Veiga e a Nacional saíram do ar. [...] A sede da UNE foi incendiada e o jornal Última Hora, janguista, empastelado<sup>10</sup>. No dia seguinte, 2 de abril, a Rádio MEC viveu uma

<sup>8</sup> Disponível em: [http://www.joinpp.ufma.br/jornadas/joinpp2019/images/trabalhos/trabalho\\_submissaold\\_1107\\_11075cca40caa7fe7.pdf](http://www.joinpp.ufma.br/jornadas/joinpp2019/images/trabalhos/trabalho_submissaold_1107_11075cca40caa7fe7.pdf). Consultado em: 16 ago. 2023.

<sup>9</sup> Disponível em: [file:///C:/Users/Lg/Desktop/2012\\_EduardoZayatChammas.pdf](file:///C:/Users/Lg/Desktop/2012_EduardoZayatChammas.pdf). Consultado em: 16 ago. 2023.

<sup>10</sup> Revista Nosso Século, n. 71, p. 72, 1972.

situação inusitada: o professor de história medieval da antiga Faculdade Nacional de Filosofia, Eremildo Luiz Vianna, invadiu a emissora do Ministério da Educação com um grupo de dez alunos armados, para destituir a então diretora, Maria Yedda Linhares, e tomar posse. (Moreira, 1998, p. 66)

O cenário relacionado neste artigo sobre o golpe civil-militar também enfatiza o trabalho de Lia Calabre, autora de “A Era do Rádio”, no qual revela embates da repressão política em 1964 quanto às estações de rádio, algo que nos auxilia na reconstituição daquele momento acerca da radiodifusão:

O golpe militar de 1964, que levou à investigação e à cassação de muitos dos grandes astros da Rádio Nacional e ao fechamento da Rádio Mayrink Veiga, de orientação legalista, juntamente com questões de gestão internas das emissoras, representou um momento de ruptura definitivo na história do rádio brasileiro. O governo militar investiu na integração televisiva do país e as emissoras foram adotando o modelo de rádios locais, com notícias e prestação de serviços, músicas gravadas e esportes, como no slogan da Rádio Globo, criada em dezembro de 1944: “Música, esporte e notícia”. Os “anos dourados” do rádio no Brasil chegavam ao fim.” (Calabre, 2002, p. 49-50)

Dos periódicos e das referências bibliográficas anteriormente citadas, é importante explicitar o papel da Rede da Democracia, inserida na citação de Baumworcel (2014). Tratava-se de um programa de rádio diário, criado em 1963, pelos jornais O Globo, Jornal do Brasil e Diários Associados. A produção esteve sob o comando das estações de rádio vinculadas aos citados jornais, no caso, as rádios Globo, Jornal do Brasil e Tupi, conforme descreve Eduardo Gomes Silva:

[...] retransmitido por centenas de emissoras país afora, sempre no horário compreendido entre as 22h30min e meia-noite. Também de forma padronizada, uma considerável parte daqueles programas chegavam à mídia impressa graças ao espaço que O Globo, Jornal do Brasil e O Jornal passaram a reservar à transcrição de seus conteúdos; complementando, ao mesmo tempo que destoavam, da campanha anti-Goulart que esses mesmos diários implementavam através de editoriais, colunas assinadas e demais reportagens de cunho oposicionista. Seu período de atuação estendeu-se até abril de 1964, dias antes do general Castelo Branco ser empossado presidente da República. (Gomes Silva, 2008, p. 1)<sup>11</sup>

11

Disponível

em:

<https://app.uff.br/riuff/bitstream/handle/1/22099/eduardo%20todo.pdf?sequence=1&isAllowed=y>.

Consultado em: 16 ago. 2024.



Desse nosso recorte sobre o golpe civil-militar, integrado com o meio rádio, lembramos ainda uma das publicações de maior circulação do Brasil nos anos de 1960, a revista O Cruzeiro, declaradamente apoiadora do golpe. Esta dedicou uma edição especial celebrando a sublevação militar. O Cruzeiro<sup>12</sup> pertencia ao grupo das Emissoras e Diários Associadas, do empresário Assis Chateaubriand.

### **Revista O Cruzeiro, apoiadora do golpe**

Deste período, apuramos outros registros sobre a Rádio Jornal do Brasil que foram publicados. A edição de 10 de abril de 1964 revela detalhes da já citada invasão à emissora. A capa da revista apresenta, como destaque especial, a palavra “extra”. No título, a frase “Edição histórica da Revolução”. Na foto, o então governador de Minas Gerais, José de Magalhães Pinto, que foi um dos integrantes da organização da derrocada de Goulart, além de ter sido um dos signatários do AI-5<sup>13</sup>. O Cruzeiro, assim como outros meios de comunicação, se referia ao golpe com o termo “revolução”<sup>14</sup>. Aquela edição circulou com 423 mil exemplares pelo país. Na sequência, trecho da citada matéria:

Às 19 horas, do dia de temor, que era o 31 de março, a Rádio Jornal do Brasil é invadida por um grupo de fuzileiros. Armados de metralhadoras, equipados para uma batalha. Motivo alegado para a invasão: divulgação de uma nota em que se dizia que o General Humberto Castelo Branco se reuniria com diversos oficiais-generais no Ministério da Guerra. O

---

<sup>12</sup>Revista O Cruzeiro, artigo sob o título “Revolução”. Rio de Janeiro, 1964, p. 36.

<sup>13</sup> Ato Institucional número 5, de 13 de dezembro de 1968, assinado pelo então presidente da República Artur da Costa e Silva (1899-1969).

<sup>14</sup>Segundo os militares que realizaram o golpe de Estado que depôs o presidente legalmente instituído João Goulart, em 31 de março de 1964, a ação foi uma “autêntica revolução, vitoriosa [...]”. Entretanto, algumas questões são levantadas. Se a “revolução” traduzia o interesse e a vontade da nação, por que ela depôs um presidente que tinha apoio popular? Nesse sentido, é possível afirmar que o golpe militar de 1964 traduziu também a vontade de um grupo, pois, caso contrário, não seria necessário reprimir, depor e prender a outra parte ou o outro grupo, que também fazia parte da nação brasileira. Disponível em: <https://mundoeducacao.uol.com.br/historiadobrasil/revolucao-ou-ditadura-militar.htm>. Consultado em: 9 jul. 2023.

Ministério, àquela altura, era tido e havido como reduto do Governo Federal. A Rádio, daí em diante, passou a transmitir apenas noticiários internacionais, em seus programas noticiosos. Pouco mais tarde, naquela mesma noite, 200 soldados tomavam conta da Central do Brasil, que aderira à greve da Leopoldina.<sup>15</sup>

A revista O Cruzeiro destacou, com foto em página inteira, uma “chuva de papéis picados”, no centro da cidade de São Paulo, sob a legenda: “O paulista sabia o que queria quando apoiou, integralmente, a campanha de volta à Democracia lançada pelo governador Ademar de Barros. Por isso, na hora em que a notícia da vitória foi dada, o povo de São Paulo rebentou no mais puro entusiasmo democrático”. Pela dimensão do alcance da publicação, e dos demais meios impressos citados, incluindo a Rede da Democracia, temos amplas referências sobre o quadro da manipulação das informações sobre a população daquele período.

### **O golpe, o rádio e o analfabetismo**

Diante de tão ampla temática sobre aquela sublevação, o presente artigo busca a delimitação por fatos relacionados ao rádio por se tratar de um meio de comunicação imediatista, acessível, popular e, como descreve Isabel Vieira, “[...] um instrumento ideológico na medida em que seu controle e propriedade o transforma em ‘arma’ – arma que mobiliza, induz, liberta ou escraviza”. A autora também enfatiza o rádio como “[...] um poderoso instrumento político que tanto pode servir à mudança como à manutenção de um Estado, das relações sociais, da própria liberdade individual e/ou coletiva.”<sup>16</sup>

Os estudos da ditadura militar nos oferecem registros de “[...] repressão através da censura, principalmente aos meios de comunicação, especificamente o rádio, concessão pública alvo constante dos censores” (Paes, 2002). A violência era a marca do primeiro momento do golpe civil-

<sup>15</sup> Trecho da matéria publicada na revista O Cruzeiro, edição de 10 de abril de 1964, página 36, sob o título “Revolução”.

<sup>16</sup> VIEIRA, Isabel. *Rádio* – ele nunca esteve tão vivo. *Singular & Plural*, n. 5, abr. 1979, p. 58. Disponível em: <https://efdeportes.com/efd136/o-radio-como-recurso-didatico.htm>. Consultado em: 13 ago. 2023.

militar de 1964:

O setor de radiodifusão não foge à regra. Ocorrem demissões – por vezes seguidas de detenção – e gradativamente, com fortalecimento da linha dura do regime, emissoras são fechadas e a censura torna-se prática comum. Já nos primeiros momentos do regime militar a repressão voltou-se contra as rádios que haviam ensaiado algum tipo de resistência. (Ferraretto, 2000, p. 150)

Um dos fatores preponderantes do rádio é a linguagem, exclusivamente dirigida aos ouvidos e, sobretudo, contemplando a população analfabeta. Acrescentam-se ainda os recursos já comuns naquele ano de 1964, como a mobilidade, por aparelhos portáteis, dos chamados “radinhos de pilha” e também os aparelhos instalados em automóveis e locais públicos. Essas situações redobravam a atenção de integrantes do poder, fossem de direita ou de esquerda. Do numeroso analfabetismo no Brasil daquele período, é crível o raciocínio da classe política dominante sobre a população que não sabia ler nem escrever, mas que tinha o rádio como principal, se não única, fonte de informação.

Destaca-se que “[...] em 1964, de acordo com o Anuário Estatístico Brasileiro, do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), a população brasileira era de 79,8 milhões de pessoas”<sup>17</sup>. Além disso, segundo a mesma fonte, “[...] o número dos que viviam em área rural alcançava 33 milhões”. Pelo IBGE, os anos 1960 contavam com 39,7% da população, entre 15 anos ou mais de idade, analfabeta<sup>18</sup>. Pelo quadro da então geografia do país, e pela força de inserção radiofônica, o rádio era, e se sempre foi, muito visado e mesmo temido por aspirantes e, principalmente, integrantes do poder, ainda que em denominações políticas opostas. “Com grande poder de penetração entre as massas, muito cedo o rádio e a política se uniram, com objetivos de

<sup>17</sup> Disponível em: <https://www12.senado.leg.br/noticias/materias/2014/03/24/1964-pouco-antes-do-golpe-reforma-agraria-esteve-no-centro-dos-debates-no-senado>. Consultado em: 9 jul. 2023.

<sup>18</sup> Disponível em: [https://download.inep.gov.br/publicacoes/institucionais/estatisticas\\_e\\_indicadores/mapa\\_do\\_analfabetismo\\_do\\_brasil.pdf](https://download.inep.gov.br/publicacoes/institucionais/estatisticas_e_indicadores/mapa_do_analfabetismo_do_brasil.pdf). Consultado em: 9 jul. 2023.

doutrinação ideológica. E o rádio conseguiu servir aos interesses políticos com “maquiavélica” eficiência (Ortriwano, 1985, p. 60).

### **Considerações finais**

O cenário político de 1964, com ataques aos meios de comunicação, nos indica a importância do rádio sobre todos os ângulos e posições políticas. Entre outros fatores, pelo caráter acessível desse meio, relacionado ainda à questão do considerável analfabetismo no Brasil daquele período.

Neste contexto, para este artigo, os meios impressos foram de extrema importância para o resgate histórico aqui apresentado. Por conseguinte, certos comparativos, via textos e fotos de antigas edições, nos revelam estratégias autoritárias do passado notadas ainda no tempo presente. Diante dessa informação, buscamos entender e revelar detalhes daquela ação, sob a adoção de uma metodologia que requer documentação em jornais e revistas, tendo ainda no escopo teórico fontes primárias, como os autores descritos, que foram fundamentais para a reconstituição e entendimento das ações advindas do golpe civil-militar de 1964.

Os meios de comunicação apoiadores daquela sublevação militar, nos primeiros momentos da ditadura, revelavam festejos e frases de alento e de esperança, como as descritas pelo historiador uruguaio René Armand Dreifuss:

A 2 de abril de 1964, a burguesia comemorou a deposição do Presidente João Goulart com gigantesca marcha de famílias pelas ruas do Rio de Janeiro, um acontecimento cujos os organizadores aguardavam com ansiedade há mais de uma semana. Na hora marcada para o início da marcha, a Avenida Rio Branco continha um mar de faixas contra o comunismo, carregadas por uma multidão calculada em oitocentas mil pessoas. Enquanto multidões percorriam a Avenida Rio Branco, a sucessão presidencial era extensivamente discutida. Os empresários que assistiam a Marcha do escritório do IPES (Instituto de Pesquisa e Estudos Sociais) no Rio, contentes com as aclamações e entusiasmo nas ruas e muito satisfeitos com o resultado do seu trabalho anticomunista (Dreifuss, 1981, p. 419).

A citação de Dreifuss é certificada em texto e fotos na Revista O Cruzeiro, apoiadora do golpe, em edição extra de 10/04/1964. A publicação

denominava a situação como “Revolução”. Na página 4 exalta o então governador Magalhães Pinto, integrante da organização do golpe e do AI-5 (1968), com texto assinado pelo colunista David Nasser:

Agora, eles sabem que a sua coragem não se conta pelos fios de cabelo, o indecifrável Magalhães Pinto, mineiro silecioso, patriota humilde, general sem farda de um dos movimentos mais perfeitos da história revolucionária. O Brasil nunca se esquecerá que o primeiro gripo foi seu, o primeiro gesto de um ballet inesquecível, o primeiro passo da longa marcha democrática (Nasser, 1964, p. 4).

O que podemos destacar dessa citação é que de fato o Brasil “nunca se esquecerá”. Lembrará sempre do golpe civil-militar de 1964, do AI-5, dos anos de chumbo, denominados a partir dos anos de 1970, dos ataques às emissoras de rádio e demais meios de comunicação e, sobretudo, à formação de opinião.

## Referências

Equipe da revista. **Revolução. O Cruzeiro**. Rio de Janeiro: 1964, p. 36.

ALMEIDA, Anderson da Silva. **Almirante Aragão**: do golpe de 1964 ao exílio no Uruguai. Disponível em: <https://revistaperseu.fpabramo.org.br/index.php/revista-perseu/article/view/215/175>. Consultado em: 24 ago. 2023.

BENEVIDES, Maria Victoria. **O PTB e o trabalhismo**: partido e sindicato em São Paulo, 1945-1964. São Paulo, Cedec/Brasiliense, 1989.

CALABRE, Lia. **A era do rádio**: Descobrimo o Brasil. Rio de Janeiro: Jorge Sarhar Editor, 2004.

CHAMMAS, Eduardo Zayat. **A ditadura militar e a grande imprensa**: os editoriais do Jornal do Brasil e do Correio da Manhã, entre 1964 e 1968. São Paulo, 2012. Disponível em: [file:///C:/Users/Lg/Desktop/2012\\_EduardoZayatChammas.pdf](file:///C:/Users/Lg/Desktop/2012_EduardoZayatChammas.pdf). Consultado em: 16 ago. 2023.

DREIFUSS, René Armand. **1964**: a conquista do Estado, ação política, poder e golpe de classe. Petrópolis: Vozes, 1981.

FERRARETTO, Luiz Artur. **Rádio**: o veículo, a história e a técnica. Porto Alegre: Editora Sagra Luzzatto, 2000.

GOMES SILVA, Eduardo. **A Rede da Democracia e o golpe de 1964**. Disponível em <https://app.uff.br/riuff/bitstream/handle/1/22099/eduardo%20todo.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Consultado em: 16 ago. 2023.

MOREIRA, Sonia Virginia. **Rádio Palanque**. Rio de Janeiro: Mil Palavras, 1998.

ORTRIWANO, Gisela Swetlana. **A informação no rádio**: os grupos de poder e

determinação dos conteúdos. São Paulo: Summus, 1985.

PAES, Maria Helena Simões. **A década de 60**: rebeldia, contestação e repressão política. 4. ed. São Paulo: Ática, 2002.